

OPINATIVOS E DE REVISÃO

HOMOFOBIA E MISOGINIA NA ANTIGUIDADE:
GENEALOGIA DA VIOLÊNCIAFelipe Adaid¹

HOMOPHOBIA AND MISOGYNY IN ANTIQUE: GENEALOGY OF VIOLENCE

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discorrer sobre as raízes da homofobia e sua possível relação com a misoginia. Para tanto, torna-se necessária a retomada dos mais arcaicos resquícios do passado em busca do que, possivelmente, apontou para o início do falocentrismo. Destarte, importa discorrer a respeito da violência no período antigo, mormente no que se refere à Roma e à Grécia antigas. A pergunta que resume a pesquisa pode ser assim formulada: qual é a relação entre a homofobia e a misoginia no período antigo, tendo em vista o falocentrismo? No que se refere ao método de pesquisa, o artigo foi elaborado por meio de revisão bibliográfica e busca de literatura, mormente no campo histórico e antropológico.

Palavras-Chave: falocentrismo; homofobia; misoginia; antiguidade

Abstract: This article aims to discuss the roots of homophobia and its possible relationship with misogyny, therefore, it becomes necessary the resumption of the archaic remnants of the past in search of what possibly pointed to the beginning of phallocentrism. Thus, it is discourse about violence in the ancient period, especially with regard to Rome and ancient Greece. The question that summarizes the research can be formulated as follows: what is the relationship between homophobia and misogyny in the ancient period, with a view phallocentrism? With regard to the research method, the article was elaborated through literature review and literature search, especially in the historical and anthropological field.

Keywords: phallocentrism; homophobia; misogyny; antiquity

“Seria o mais feliz dos mortais se pudesse contribuir para que os homens conseguissem curar seus preconceitos. Chamo aqui de preconceitos não o que faz com que eu ignore certas coisas, mas o que faz com que nos ignoremos a nós mesmos.” (MONTESQUIEU, 2011, p. 14)

¹ Advogado criminalista e mestre pela PUC-Campinas. E-mail: felipeadaid@gmail.com

Introdução

O propósito deste trabalho é analisar a gênese da homofobia e os processos de transformação desse fenômeno. A historiografia, por meio da revisão bibliográfica específica, será o método usado para galgar este objetivo. Neste sentido, a pergunta central não será o que é homofobia. Evidentemente, será necessário realizar a mais breve introdução sobre o conceito de homofobia, sem embargo, a grande discussão não se resumirá a isso. Logo, a pergunta que permeia esta pesquisa, e que se tenta esquadriñar, será: qual é a genealogia da homofobia, ou seja, como pensar a respeito de sua origem e quais são seus efeitos ao longo da história? Sendo assim, o início desta discussão coincide com o próprio início da humanidade, ou pelo menos com os mais antigos e notórios registros históricos que a literatura disponibiliza. Sobre essa questão, não obsta fazer uma ressalva, muito embora ela se evidenciaria por meio da própria continuidade do trabalho. A propositura da discussão desse contexto histórico de ruptura entre um modelo matriarcal para o início do patriarcal, a marcar efetivamente o início da dominação masculina e do modelo heterossexual, o qual, sem dúvida, estender-se-á até à hodiernidade. Outrossim, a paralela análise do fenômeno misógino da humanidade se torna deveras apropriado, à medida que tanto a misoginia quanto a homofobia se apresentam como consequências do paradigma² falocêntrico. O desprezo contra o feminino, ou seja, a negação de tudo aquilo que não for estritamente masculino, viril, dominador e poderoso, enseja alvo da submissão, da repulsa e, conseqüentemente, da violência. Em sendo assim, o Movimento Feminista, que resultou de um processo histórico longo e doloroso, se desenvolve paralelamente ao Movimento Gay.

A análise e comparação entre esses dois movimentos, ao longo dos milênios, é fundamental para se compreender as verdadeiras origens da homofobia. Desta feita, torna-se necessário retornar ao Período Antigo para análise das raízes da homofobia e sua relação com a misoginia. Para tanto, o presente artigo restringir-se-á, sobretudo, à cultura grega e romana. Neste sentido, não obsta ressaltar que comumente se considera a Idade Antiga como o período que se inicia com o desenvolvimento da escrita, aproximadamente no IV

milênio antes da Era Cristã, até a queda do Império Romano Ocidental, durante o século V da Era Cristã. De forma prosaica, as literaturas historiográficas abordam a Antiguidade como tempo áureo da civilização grega, romana, fenícia, egípcia, hebraica e etrusca. Por questões práticas, todavia, a presente pesquisa restringir-se-á tão e somente à abordagem da antiguidade clássica, por considerar a cultura greco-romana a raiz do pensamento ocidental moderno.

Um interessante aspecto, quase universal entre as civilizações antigas, é a forte presença da sexualidade na cultura. Sobretudo no que se refere à religião, ao contrário da ideia de divindade que se construiu com o advento do monoteísmo, os deuses das culturas politeístas tinham características bastante semelhantes aos humanos quanto aos sentimentos: eles sentiam fome, dor, medo e, inclusive, prazer. Os deuses para os antigos eram uma representação da própria figura humana. A sexualidade entre as divindades era tratada de forma tão natural que os mitos eram recheados de relatos de infidelidade, incesto e até mesmo estupro. Inclusive não eram raros casos de relações homossexuais entre as divindades. Ademais, como será discutido, a moral sexual era tão liberal, se comparada com os recatos modernos, que inúmeras religiões faziam uso de práticas sexuais ritualísticas. Ademais, grande parte das atividades de prostituição era praticada dentro dos próprios templos. Tanto os sacerdotes quanto os fiéis faziam uso dos serviços de prostitutas e prostitutos. Durante a antiguidade, as práticas sexuais sempre estiveram ligadas com a prática religiosa. Essa situação mudou com o avanço do cristianismo, que paulatinamente modificou a concepção moral.

Os gregos e a pedagogia pederástica

Segundo a mitologia grega, a criação do mundo teria sido uma criação titânica dos irmãos Prometeu e Epimeteu. Os dois titãs desceram à Terra com sementes mágicas que brotaram instantaneamente, transformando-se na flora; os animais foram moldados a partir da argila, tirada do solo. Mas faltava algo. Prometeu, se utilizando da mesma argila, moldou, em alusão à aparência física dos deuses, a espécie humana masculina – ainda não havia a mulher. Criados, Epimeteu encarregou-se de dar a cada animal uma característica: cora-

² O paradigma se refere a um esquema global de algumas hipóteses de base sobre as quais cada época científica baseia as suas orientações e valores. Não obstante, com o tempo, este modelo se torna obsoleto e não responde mais as demandas e exigências da sociedade: cria-se então a crise do paradigma dominante (SANTOS, 2001).

gem, força, rapidez, sagacidade. Contudo, ao final do feito, se deu conta de que todas as qualidades já tinham sido usadas nos animais, e os homens haviam ficado sem nenhuma. Tomado pela grande empatia que desenvolvera pelos homens, Prometeu almejou dar-lhes algo especial. Foi até o céu e pegou uma fagulha do fogo divino – até então os homens não haviam descoberto seu uso. Os deuses ficaram furiosos com a audácia de Prometeu em presentear os humanos com algo tão divino. Como castigo, Zeus criou uma criatura à semelhança de Afrodite, com tamanha beleza e sensualidade que seria capaz de seduzir e ludibriar os homens. Bati-zou-lhe de Pandora e lhe entregou uma caixa, que deveria ser guardada com todo zelo e jamais ser aberta. Chegando à Terra, Pandora não aguentou de curiosidade e abriu a misteriosa caixa. Mas, para sua surpresa, de lá saíram todos os males imagináveis e se espalharam pela Terra.

Inicialmente, no que se refere à influência do falocentrismo no conceito de feminino, é possível notar uma formidável semelhança entre o mito da Caixa de Pandora e a Gênese de Adão e Eva, na mitologia cristã – que será analisada a posteriori. Em ambos, a mulher é tida como causa central dos problemas mundanos. A interpretação mitológica não deixa dúvidas de que a misoginia era uma característica muito marcante na cultura grega. O fato de Pandora ser criada com objetivo de ser um instrumento de vingança, por meio da ira divina, é demonstração clara do imaginário grego falocêntrico e misógino, em que a mulher é tida como figura negativa e amaldiçoada. Essa concepção negativista indubitavelmente intensificará a supremacia masculina. Em última análise, pode-se dizer que o homoerotismo tenha florescido como expressão da própria repulsa ao feminino.

O amor grego – *φιλία*, *philía* (DICIONÁRIOS ACADÊMICOS, 2009) –, é muitas vezes traduzido nos poemas pela palavra amizade, assim, de início já se pode notar certa discordância com o significado moderno, tanto do verbete amizade, quanto do amor. Outra questão, bastante complexa e não menos paradoxal, é o sentimento amoroso do homem em relação à mulher, tendo em vista a questão da visão altamente misógina do homem grego. Ademais, o que objetiva a temática deste trabalho, diz respeito ao amor homossexual, um costume reconhecido e tolerado pela sociedade – inclusive, muitas vezes a conduta era preferível e, em deter-

minadas circunstâncias, até mesmo obrigatória. A propósito, cabe acrescentar que na cultura grega clássica o homem também era obrigado, como marido, a manter seus cuidados com a esposa, não se pode descartar que o marido também devesse amar a esposa e filhos.

As mulheres geralmente eram analfabetas e a única educação que recebiam dos pais era voltada para seu futuro como esposa, ou seja, a mulher era meramente uma procriadora. Existiam as hetairas que eram mulheres mais interessantes e com mais conhecimentos que as demais. Muitos homens gostavam de suas companhias, pois não atuavam como prostitutas apenas. Quando o marido achava que já tinha herdeiros suficientes, ele simplesmente parava com a relação sexual marital. Havia tanta falta de afinidade entre os cônjuges que eles dormiam em quartos separados – o que talvez não ocorresse entre as famílias menos abastadas. Dada a total falta de intimidade entre o casal, prosperou nessa época o uso de masturbadores para as mulheres. Visto que, após o casamento, as mulheres só se relacionavam socialmente com outras mulheres, é provável que a relação homossexual feminina tenha sido uma prática comum, visto que dificilmente seria descoberta e não havia qualquer risco de engravidar.

Existem infindáveis relatos mitológicos, poesias e discursos sobre a prática da homossexualidade entre os homens. Contudo, quase não se sabe sobre a história das mulheres. O falocentrismo e a misoginia na Antiguidade parecem tão fortes que filósofos, poetas e pensadores nem se deram ao trabalho de deixar um relato para a posteridade. Talvez em uma tentativa de anular o passado feminino. Certamente a única referência ao lesbianismo, que não se baseia em mera conjectura histórica, se refere à grande poetisa Safo de Lesbos, cujos poemas muitas vezes eróticos exaltam a mulher e a sexualidade feminina. Cumpre-se destacar que foi sua ilha de origem, Lesbos, que deu origem ao termo *lésbica*³.

Safo viveu na ilha de Lesbos e dirigia uma escola onde mulheres aprendiam música, poesia e dança. Ela se apaixonou por algumas dessas mulheres e manifestou o seu amor em poemas sensuais. Sua poesia exerceu enorme influência sobre a literatura erótica subsequente. Além disso, seus poe-

³ O termo *lésbica* foi usado pela primeira vez com sentido de homossexualidade feminina em uma carta do rei William, em 1736, à duquesa de Newburgh. No conteúdo da carta, o rei utilizou a denominação *lesbian* para ofender a duquesa (NAPHY, 2006, p. 210).

mas trataram de questões relacionadas à vida: a maior parte dos sintomas de que os amantes têm sofrido, durante mais de vinte séculos, foi primeiramente posta em evidência por Safo. Apensar de suas preferências sexuais, ela teve marido e filha (LINS, 2013, p. 71).

Detalhes da vida de Safo constituem um grande mistério. Porém, o que importa é sua influência às mulheres de Lesbos, que, ao que parece, devem ter sentido a influência social e cultural de suas ideias. Em suma, o grande mérito de seu legado se deve não somente à sua produção lírica propriamente dita, mas sobretudo ao seu contexto social. Safo viveu em um conturbado período histórico no qual as mulheres gregas sequer tinham direitos, tampouco almejavam igualdade sexual: inicialmente eram propriedades do pai e, após o casamento, tornavam-se obedientes ao marido. O rapto e o estupro eram reflexos da fragilidade feminina, e a única saída era permanecer a submissão ao marido, que bem ou mal lhe proporcionava sustento e segurança. Destarte, cogitar a existência de uma mulher letrada, inteligente e com tamanha independência indica um acontecimento formidável.

A literatura sobre a sexualidade masculina na Grécia Antiga é bastante vasta e todas abordam a questão da homossexualidade. Contudo, é importante ressaltar que, mesmo sendo uma prática demasiadamente trivial, não existia entre os gregos um termo específico para homossexual, ou seja, não existia a figura do homem que só se relacionava com homens – o termo só foi cunhado no final da Idade Média, quando se entende que os pecados praticados pelos homossexuais não representavam apenas um vício ou um comportamento, mas uma identidade, passaram a ser chamado de sodomitas (NAPHY, 2006, p. 210). Entre os homens, perdurou a prática da *pederastia* que sempre esteve ligada ao processo “pedagógico”, de socialização.

Na pederastia o mais velho admira o mais jovem por suas qualidades masculinas: força, velocidade, habilidade, resistência e o mais jovem respeitava o mais velho por sua experiência, sabedoria e comando. O efebo era entregue a um tutor, que o transformava em cidadão grego. O tutor deveria treinar, educar e proteger o efebo. Ambos desenvolviam uma paixão mútua, mas deveriam saber dominá-la (LINS, 2013, p. 73).

Segundo a etimologia, o vocábulo pederastia tem como radical a expressão παιδεραστία – em que se lê paiderastía – aglutinação de παῖς, páis, e ἔρως, éros, que significam respectivamente menino e amor (DICIONÁRIOS ACADÊMICOS, 2009). Assim, essa prática se evidenciava como o relacionamento, necessariamente homossexual, entre um homem adulto, chamado de ἐραστής, erastas; e um adolescente entre 15 e 18 anos, denominado ἐρωμενός, eromenos. Geralmente o adulto era maior de 25 anos, enquanto o jovem tinha entre 12 e 18 anos. O critério etário estava mais relacionado com a questão da puberdade, uma vez que a prática não era bem vista quando o menino ainda era impúbere. Também não era comum que o jovem já tivesse tardado muito a adolescência.

A pederastia pedagógica ocorria nas castas superiores, o ἐραστής era designado pela família e tinha papel educativo enquanto tutor. A questão da sexualidade estava tão presente que, durante o processo de aprendizado, o tutor invariavelmente seduzia o ἐρωμενός. A prática da pedagogia grega não se resumia às temáticas teóricas, quando o educando teria seus primeiros contatos com os conhecimentos da matemática, da música e da filosofia. O papel do pedagogo era também de lhe ensinar as práticas sexuais. Por esse motivo, o tutor era geralmente solteiro e desempenhava essa atividade educativa até se casar. Por seu turno, o educando ao crescer poderia se tornar um tutor. Não obsta asseverar que, no que se refere à prática sexual propriamente dita, o ἐραστής sempre desempenharia um papel ativo e dominante em relação ao ἐρωμενός. A plausível inversão de papéis representaria uma prática absolutamente bizarra e recriminável para a cultura grega (LINS, 2006).

Ora, sabendo que os gregos, amantes da beleza e da estética, mais do que ninguém sabiam reconhecer o que era belo e o que era digno de ser reverenciado, como era possível que um jovem se interessasse por um velho? Essa era uma questão que os próprios gregos reconheciam como paradoxal, visto que muito comumente jovens de belezas notórias se rendiam à sedução de homens muito mais velhos e feios. O próprio Platão exemplifica a relação entre Alcibiades e Sócrates como paradoxal, pois ao mesmo tempo em que o jovem era muito lindo para ser seu amante, o tutor era muito inteligente para seu educador⁴.

⁴ A paixão pedagógica impele todos para os jovens belos e bem-dotados, mas no caso de Alcibiades é a profunda força de atração espiritual, que irradia de Sócrates, que surte efeito e que, invertendo a relação normal de amante e amado, faz com que seja o próprio Alcibiades a aspirar em vão pelo amor de Sócrates. Para a sensibilidade grega é o cúmulo do paradoxo que um jovem belo e festejadíssimo como Alcibiades ame um homem grotescamente feio como Sócrates (JAEGER, 1995, p. 747).

Claramente a falada liberdade grega em relação à homossexualidade não era de modo algum tão liberal, pois também servia para manter a associação do sexo com dominação. Além disso, ao permitir a pederastia, sancionava-se o abuso sexual de meninos por homens adultos. Na Grécia Antiga, o estupro é cometido não por prazer ou procriação, mas para realizar o princípio da dominação através do sexo. Portanto, não é de admirar que os gregos tivessem obsessão por isso. (EISLER, 1996, p. 144)

Em primeiro lugar, deve-se ressaltar que nem toda relação pederástica era benéfica, pois, por mais que a homossexualidade tenha sido uma prática difundida entre os gregos, assim como hoje, muitos jovens se inclinavam mais ao que modernamente seria entendido por heterossexualidade. Contudo, é claro que não existia qualquer dicotomia entre heterossexualidade ou homossexualidade entre os gregos, eles sequer tinham expressões que significassem isso – todavia, não se pode negar que as pessoas tinham suas preferências sexuais⁵. Desse modo, pode-se imaginar o tormento que esses jovens passaram ao serem obrigados a se deixar seduzir por adultos que lhes causassem asco. Sob essa perspectiva, a análise da prática pederástica pode ser entendida muito mais como um incentivo à violência do que propriamente um método pedagógico. Sendo assim, talvez para o jovem de orientação heterossexual, possivelmente a pederastia representasse um estupro pelo qual ele deveria passar antes de se tornar adulto. É claro que havia os jovens que se permitiam ou se interessavam pelas investidas dos mais velhos, contudo, isso não devia ser uma regra. O problema se tornou tão sério que foi necessário criar leis que coibissem essa prática. Historicamente, esse pode ser considerado o mais arcaico vestígio do que se tornaria a lei de proteção à dignidade sexual dos menores. Sem embargo, no contexto da Grécia Antiga, como somente as famílias com propriedades tinham direitos, a lei que proibia o abuso dos jovens, na prática, só

tutelava os filhos da elite; os jovens de famílias menos abastadas e, principalmente, os escravos, continuaram sendo vítimas.

Seja como for, não há dúvidas de que a discussão sobre a sexualidade entre os gregos é bastante complexa. Sobre tudo a questão da pederastia e seus muitos aspectos paradoxais. Para a cultura grega, o sexo era algo bastante presente, as práticas sexuais e o proxenetismo vinculado à própria atividade religiosa demonstram certa liberdade ao homem grego. Liberdade essa que não era vivida pelo jovem, pois não raramente deveria se submeter ao domínio sexual de um adulto. De igual modo, não havia a mesma liberdade às mulheres que, totalmente submissas, se recolhiam à clausura doméstica, destinando-se a atividade procriativa. Outrossim, para as escravas e mulheres de castas inferiores a realidade era mais nefanda, muitas tinham que se dedicar à prostituição, o que não diminuía sua submissão social em relação ao homem. O que se pode concluir, por hora, é que para a cultura grega o que tornava o indivíduo verdadeiramente livre e digno de respeito, salvas as proporções hierárquicas das castas, era sua virilidade. Em suma, era o Falo, símbolo máximo da masculinidade, que dava poder ao grego.

Os romanos e o apogeu do falocentrismo

O império romano surgiu aproximadamente no oitavo século antes da Era Cristã e proliferou até o quinto século depois de Cristo. Durante esses 13 séculos de lutas, quase toda a Europa havia sido conquistada e anexada como extensão do Império. Se houve alguma civilização que enalteceu mais o culto fálico do que os gregos, esta foi a civilização romana. A necessidade de demonstrar o poder do falo era tão grande que inúmeros monumentos foram levantados, os imperadores romanos queriam superar uns aos outros. Indubitavelmente, nenhum povo chegou ao mesmo imaginário megalomaniaco do que os filhos de Rômulo e Rêmulos.

Tal obsessão pelo poder e pela conquista

⁵ A sexualidade grega pode ser considerada bissexual? Segundo Foucault, é de certo modo equivocado falar em bissexualidade, uma vez que os gregos não pensavam a relação sexual de forma dicotômica, ou seja, pulsões homossexuais e pulsões heterossexuais. A sexualidade era pensada mais como possuidora de duas fases. Primeiro como adolescentes passivos; depois como adultos ativos, até se casarem. Evidentemente, que após o casamento, a monogamia não era obrigatória, nem recomendada aos homens. Estes tinham total liberdade para participar de cultos religiosos e festas, ambos banhados a muita orgia, tanto homossexual quanto heterossexual. Nesse aspecto, talvez seja possível dizer que, passada a fase de passividade juvenil, para o homem adulto existia uma possibilidade de certa inclinação à bissexualidade. A mulher, contudo, se não fosse prostituta, deveria permanecer fiel ao marido e conservar sua heterossexualidade, pelo menos segundo os ditames sociais (FOUCAULT, 1984, p. 150).

não poderia ter influenciado menos a sexualidade dos romanos. A mulher permaneceu com seu papel de procriadora, res marital, propriedade conjugal (LINS, 2013). Os filhos também pertenciam ao pai: a menina até se casar e se tornar apossada pelo marido, e o filho até se tornar adulto⁶. A homossexualidade não era inteiramente proibida, todavia, diferentemente dos gregos, ela não era obrigatória sob nenhuma hipótese, não havia qualquer fenômeno parecido com o movimento pederástico em Roma. Pelo contrário, os filhos eram educados para serem machos, ativos, poderosos e conquistadores. A despeito de não haver qualquer expressão que significasse a dicotomia entre heterossexuais e homossexuais, a sociedade romana, grosso modo, tendia à bissexualidade, pois pouco importava quem era seu parceiro, homem ou mulher, o importante era dominá-lo. Apenas com o advento do cristianismo que a moral romana paulatinamente começou a tender à heterossexualidade. É muito possível que, devido ao fenômeno da romanização, esses valores culturais tenham se expandido para muito além das fronteiras de Roma, sobretudo nas localidades fronteiriças.

A homossexualidade era tão presente na cultura romana que, segundo análise de Spencer, o famoso mito de Rômulo e Remo, os gêmeos fundadores de Roma que foram amamentados por uma loba, podem ser interpretados como uma história de iniciação homossexual. Segundo a mitologia, Marte, o deus da guerra, símbolo supremo do masculino que dominava o pensamento e a cultura romana, estuprou a mortal Réia Sílvia – em latim Rhea Sílvia, filha de Numitor, rei da lendária cidade de Alba Longa. Ao tomar conhecimento da violência, a qual dera origem

aos gêmeos Rômulo e Remo, o rei ordenou que o cesto dos bebês fosse jogado no rio Tigre. A correnteza fez o cesto parar em uma margem, onde foi encontrado por uma loba, que os amamentou até que eles crescessem. O autor assevera que há inscrições e desenhos que mostram o deus Marte cercado por jovens nus ajoelhados de frente para seu pênis. A significância de ingestão do sêmen, e sua equiparação com o leite materno, bem como as cerimônias rituais a que os meninos e jovens eram submetidos para se tornarem homens, então o ato de mamar na loba começa a tomar uma nova e maior dimensão⁷.

Os romanos não tinham qualquer tradição autóctone de pederastia e, inicialmente, no tempo da República, declararam-na ilegal. Em circunstância alguma um homem romano devia se deixar penetrar, fosse qual fosse sua idade. Sodomitizar um adolescente não era considerado pelos romanos parte importante do processo educativo. O importante para os Romanos era ter o poder de sodomizar tudo e todos. Dito isto, os romanos não sentiam qualquer pejo em ter relações sexuais com homens, prostitutas ou escravos, desde que fossem o parceiro ativo. (NAPHY, 2006, p. 59)

O comportamento sexual do romano era bastante intenso e liberal, a única ressalva era quanto à passividade. É claro que, grosso modo, era socialmente esperado que o homem se casasse e tivesse filhos, mas fora isso ele estava livre para se envolver com escravos, prostitutas e prostitutas. Os adultos podiam inclusive se envolver com os jovens, embora esse fenômeno não guar-

⁶ O casamento entre os romanos, assim como entre os gregos, continuou a ter um aspecto simplesmente formal visando à proteção patrimonial. Para o homem, significava a garantia de que seus bens permaneceriam entre seus herdeiros, na hipótese de sua morte ou de sua temporária ausência. Mesmo casado, o homem não se submetia a qualquer recriminação moral ou legislação em relação à fidelidade ou ao adultério. Ele poderia participar das festividades da cidade, dos banhos públicos e dos serviços prestados nos bordéis. Para a mulher, o casamento significava a continuação de uma vida sob dominação, outrora pelo pai, agora era submetida às vontades do marido. Eventualmente poderia sair de casa, mas sempre acompanhada do marido. O medo do adultério, do estupro e do rapto não equivalia ao temor de perder a esposa, mas ao pânico obsessivo de ter o sangue de seus descendentes sujado por um possível herdeiro bastardo.

⁷ No início da Antiguidade, há inúmeros relatos de tribos mediterrâneas que possuíam rituais de iniciação masculinos envolvendo o sêmen. Era uma evidente relação com o leite materno, que ainda tardava em ser cultuado como sagrado, em uma antiga alusão à fertilidade da grande Deusa. Segundo a cultura primitiva, os homens não conseguiriam atingir a puberdade sem a produção de sêmen, que só seria atingida por meios ritualísticos de ingestão. “A partir dos sete anos os meninos eram separados de suas mães e levados à casa dos homens. Nesse período, eles eram submetidos a periódicos rituais de iniciação sexual. No primeiro estágio, aprendiam a praticar a feação com o mais velho, enquanto engoliam o precioso sêmen. Em um segundo estágio, já mais velhos, trocavam de papéis e proporcionavam o sêmen aos mais novos. Quando um menino mostrava sinais de maturidade sexual, fazia-se uma grande cerimônia e ele se juntava aos homens caçadores” (SPENCER, 1999, p. 23).

dasse nenhuma relação com qualquer recurso pedagógico. A única ressalva moral era ser ativo e dominar, ou seja, comportamentos como a impudicitia⁸ – assumir papel passivo – e a felatio – prática do sexo oral, eram vistos como degradantes e vergonhosos para um homem viril. Porém, era aceitável que eles pudessem ser realizados, desde que os passivos fossem escravos ou indivíduos de castas inferiores. Na prática, a conduta permanecia vergonhosa para quem praticasse, mas socialmente não era chocante. Enquanto a pederastia grega fora o objeto de amor dos gregos, os escravos passaram a servir de amante aos romanos.

Sem embargo às normas sociais e morais, o que se observava na prática é que sempre houve os homens que se inclinavam mais ao comportamento ativo ou mais ao comportamento passivo. Inclusive há inúmeros relatos de aristocratas e imperadores que se dedicavam preferencialmente ao sexo passivo, o que evidentemente era motivo de comentários malfadados e piadas. Uma das mais famosas obras é atribuída a Caio Suetônio, que reuniu diversos relatos da vida íntima dos principais imperadores romanos em sua obra *As vidas dos doze céсарes*. Com um tom sarcástico, que lhe é peculiar, critica de forma veemente as libertinagem e luxúrias vivenciadas pelos mais poderosos homens de Roma. Segundo Suetônio, Júlio César comportava-se mais como homossexual e preferia ser passivo, sobretudo em sua relação com o Nicomedes da Bitínia. Calígula é retratado como um psicopata sexual, que abusava de crianças e até de animais. Sua diversão era desvirginar noivas em frente de seus próprios noivos, ou abusar das esposas de seus senadores enquanto estes se embriagavam em suas festas. Por sua vez, Nero, o exibicionista imperador romano que governou do ano 54 a 68 depois de Cristo, foi muito além dos padrões culturais. Casou-se com dois homens em cerimônia pública, possivelmente o primeiro casamento homossexual de que se tem realmente registro (SUETÔNIO, 1956). O autor escreve sobre o primeiro casamento homossexual de Nero:

Depois de tentar castrar o garoto Esporo, no intuito de transformá-lo em uma garota, ele organizou uma cerimônia de casamento, com dote, véu de noiva e tudo mais, com a presença de toda a corte; em seguida levou-o para sua casa e tratou-o como uma esposa. Mais tarde, casou-se também com Doríforo, forçando a corte imperial a tratar suas noivas masculinas com a mesma cortesia destinada às suas três esposas, Otávia, Pompeia e Estatília. (SUETÔNIO, 1956, p. 105)

Não obstante a inexistência da relação pedagógica entre os adultos e jovens, não há de se negar que muitos romanos se aproveitavam da ingenuidade pueril para tirar-lhes proveitos sexuais. Assim como entre os gregos, o estupro de menores se tornou tão frequente que passou a preocupar os governantes da época. Foi necessário, então, criar normas que criminalizassem a conduta. No ano 149 antes da Era Cristã, promulgou-se a Lex Scantiania, a qual proibia que adultos estupassem – stuprum – jovens púberes e impúberes⁹. É claro que a lei só tutelava pelos jovens livres, sobretudo os de família mais abastadas, ricos comerciantes e donos de terras, o que, de certa forma, impulsionou o comércio escravista para fins sexuais, intensificando o abuso contra crianças e jovens escravos. Outrossim, a lei romana também visou criminalizar a conduta sexual passiva dos adultos que muitas vezes se entregassem aos próprios escravos de forma passiva, algo considerado totalmente ultrajante aos costumes e valores morais da época.

Nas décadas seguintes à morte de Jesus Cristo o cenário romano começou a mudar. No primeiro século surgiram várias pequenas seitas cristãs, que se espalharam de forma marginal por todo império romano. Já havia cessado as perseguições antissemitas, e os cristãos representavam apenas pequenos grupos de religiosos que não preocupavam muito os governantes. Os romanos cultivavam desprezo em relação a essas novas seitas. A partir do final do primeiro século, os cristãos começaram a se separar em definitivo dos judeus,

⁸ “A palavra impudicitia é geralmente usada para se referir à disponibilidade de um homem para ser penetrado por outro homem. Ficou demonstrado que os médicos romanos consideravam o desejo de ser penetrado uma patologia que podia ser diagnosticada, uma classificação da homossexualidade como doença anterior à sua invenção no século XIX”. Cf. NAPHY, William. *Born to be gay: história da homossexualidade*. Portugal: Edições 70, 2006. p. 65.

⁹ “A Lei Scantinia, confirmada pela legislação da época de Augusto, protege o adolescente contra o estupro pelo mesmo motivo que protege a virgem livre nascida. A relação homossexual com um jovem era aceitável, desde que fosse a relação ativa de um homem livre com um escravo ou um homem de baixa condição social; as pessoas se divertiam com isso no teatro popular e se vangloriavam disso na alta sociedade” (LINS, 2013, p. 120).

eles já eram mais numerosos e sua influência passou a ser notada. A intolerância cristã foi presente desde os mais primogênitos seguidores. Os cristãos odiavam tudo que se relacionava ao Império e à cultura romana, sobretudo a liberdade sexual e a religião pagã. Por diversas vezes, cultos romanos foram invadidos e tiveram seus símbolos religiosos vilipendiados. As perseguições aos cristãos retornaram como retaliação a sua própria violência. Desses grupos de baderneiros e saqueadores, inúmeros mártires surgiram e passaram a povoar suas lendas (LACHATRE, 2005).

Ao mesmo tempo em que começava a sentir a influência do cristianismo nos séculos II e III depois de Cristo, a sociedade romana passava por algumas transformações importantes que iriam alterar as suas atitudes para com a sexualidade. Os imperadores e grande parte da classe dirigente eram cada vez mais não romanos e não urbanos, pelo menos nos grandes centros metropolitanos (NAPHY, 2006, p. 69).

O Cristianismo^{10 11} surge na decadência da Antiguidade como uma religião que prometia mudar com todo o paradigma vigente até então¹².

Baseado nos ensinamentos de Jesus, a essência do pensamento cristão continuou fortemente influenciada pela moralidade judaica monoteísta. Eles condenavam o politeísmo, a promiscuidade, a infidelidade do homem no casamento e quase tudo o que os romanos acreditavam ou que fazia parte de sua cultura. A vida cristã era voltada para a salvação da alma; para tanto, o corpo necessitava sofrer, pagar pelos pecados mundanos. Desta forma, essa vida deveria ser marcada pelas privações da carne. O amor, a compaixão e a caridade passam a fazer parte dos baldrames da religião. Nunca, até então, tinha se falado em amar o próximo como a ti mesmo¹³, os deuses romanos e gregos eram vingativos e luxuriosos. A ideia de um Deus benevolente e perfeito, capaz de perdoar o ato mais atroz, era muito estranha ao olhar do romano. O Deus cristão representava as minorias, ele amava o fraco, o pobre e o doente. Não era coincidência que inúmeros romanos foram atraídos pela curiosidade e acabaram se identificando com o culto.

Para os pais da Igreja o sexo era abominável, uma experiência da serpente, e o casamento um sistema de vida repugnante e poluído. São Paulo e vários ou-

¹⁰ A história está cheia de absurdos relatos de ufanistas que levaram os princípios católicos às últimas consequências. São Francisco de Assis, filho de um rico aristocrata, ao receber o chamado divino retorna para sua cidade, de onde tinha partido para se juntar às Cruzadas, no caminho, avista um mendigo leproso, pois o santo desce de seu cavalo, enrola o mendigo com sua suntuosa capa e lhe beija as feridas da testa. Em análoga biografia, São Bento rejeita sua herança palaciana desejoso de se tornar monge, no caminho para o mosteiro se depara com uma prostituta, era o próprio demônio lhe tentando, mais do que depressa arranca as roupas e se joga em um espinhal. (ASTRUGA, 2011).

¹¹ Para Nietzsche, os verdadeiros ensinamentos e as máximas cristãs jamais foram seguidos. O repúdio à intolerância, a caridade, o perdão e sobretudo o amor ao próximo, o princípio básico ensinado por Jesus Cristo, nunca se concretizaram durante a dominação cristã, tornaram-se presentes apenas nas falácias e nos sermões. Mesmo nos séculos que irão se seguir, em quase que dois milênios de efetiva instituição, nada que Jesus tenha realmente pregado foi seguido. As mortes nas Cruzadas, as torturas inquisitoriais, tudo se resume a uma grande hecatombe santa. O estandarte episcopal é manchado de sangue das inúmeras vítimas dessa instituição criminosa que se autointitula santificada. Em suma, dizer que a imaculada imagem da Igreja Católica foi construída sobre mentiras e hipocrisias constitui mero eufemismo. Nietzsche, enquanto ferrenho defensor da cultura antiga, critica o cristianismo na medida em que este cultuava o que havia de pior na acepção humana: a feiura, a pobreza e a castidade: "Já a palavra cristianismo é um mal-entendido – no fundo, houve apenas um cristão, e esse morreu na cruz. O evangelho morreu na cruz. O que a partir de então se chamou evangelho já era o oposto do que Ele tinha vivido: uma má nova, um disangelho. É falso até o absurdo ver em uma fé, a fé, por exemplo na salvação por Cristo, o sinal distintivo do cristão: apenas a prática cristã, uma vida como a daquele que morreu na cruz, é cristã" (NIETZSCHE, 2012, p. 71).

¹² Em O Anticristo, Nietzsche traça uma interessante comparação entre o Deus construído no cristianismo e os deuses da Antiguidade. Segundo o autor, as divindades são um reflexo da própria autoestima do povo, que por sua vez está relacionada com sua própria cultura. Assim, um povo forte terá um deus forte, enquanto um povo fraco terá um deus fraco. O que dizer de um deus das minorias, benevolente e essencialmente ligado ao amor? "O conceito cristão de Deus – Deus na condição de deus dos doentes, Deus na condição de aranha, Deus na condição de espírito – é um dos mais corruptos conceitos de deus que foram alcançados sobre a terra; talvez ele até represente o nível mais baixo na evolução descendente dos tipos divinos" (NIETZSCHE, 2012, p. 35).

¹³ "E Jesus respondeu-lhe: O primeiro de todos os mandamentos é: ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes" (BÍBLIA, 1987, p. 950).

tros pensadores cristãos deixaram as mais duradouras impressões em todas as ideias cristãs subsequentes sobre a repulsa do sexo. O casamento de José e Maria será, por um tempo, o ideal do casamento cristão, um casamento sem relações carnavais. O cristianismo condenará o corpo e tudo o que se tornou matéria perecível em consequência do pecado original. (LINS, 2013, p. 125)

Foucault resume a discrepância entre a visão antiga e medieval sobre a sexualidade dizendo que, sobre o ato sexual, o cristianismo o teria associado ao mal, ao pecado, à queda, à morte, ao passo que a Antiguidade o teria dotado de significações positivas. Já na delimitação do parceiro legítimo, o cristianismo, diferentemente do que se passava nas sociedades gregas ou romanas, só o teria aceitado no casamento monogâmico e, no interior dessa conjugalidade, lhe teria imposto o princípio de uma finalidade exclusivamente procriadora. Outrossim, em relação à desqualificação das relações entre indivíduos do mesmo sexo, o cristianismo as teria excluído com rigor, ao passo que a Grécia a teria exaltado e Roma aceitado. Destarte, entende o filósofo que a esses três pontos de oposição maior, poderiam acrescentar o alto valor moral e espiritual que o cristianismo, diferentemente da moral pagã, teria atribuído à abstinência rigorosa, à castidade permanente e à virgindade. Em suma, sobre todos esses pontos que foram considerados durante tanto tempo como tão importantes – natureza do ato sexual, fidelidade monogâmica, relações homossexuais, castidade –, parece que os antigos teriam sido um tanto indiferentes, e que nada disso teria atraído muito sua atenção, nem constituído para eles problemas muito agudos (FOUCAULT, 1984).

A moral pagã valorizava a estética e beleza. Os homens, desde a juventude, eram impelidos para as atividades desportivas, havia um maciço culto ao corpo, sobretudo entre os gregos e romanos. Em última análise, a cultura pagã valoriza o que era físico. Não havia preocupação com a morte ou as consequências dos atos terrenos. O cristianismo inaugurou uma nova forma de pensar a vida: não haverá mais preocupações com qualquer coisa do mundo físico, o corpo e os bens materiais são pertences fugazes, a passagem na Terra é apenas uma provação de conduta. Com a morte, o indivíduo terá que prestar contas de tudo o que realizara enquanto vivo. Assim, a doutrina cristã pregou um total desprendimento com a carne, ou seja, o plano mundano se tornou

secundário com todos os sentimentos pecaminosos, pois o importante é a salvação da alma. A vida terrena é efêmera, mas a vida após a morte é eterna, e é com essa vida que o homem deve se preocupar.

O mistério da morte sempre intrigou o homem. Por esse motivo, foram criados inúmeros mitos, na tentativa de explicar o desconhecido. Não obstante essa inquietação, com o advento do cristianismo esses antigos dilemas receberam nova roupagem. As lendas sobre o que aconteceria após a morte passaram a preocupar a mente humana nesse período. Os ensinamentos cristãos sobre os pecados da carne, a abnegação e a salvação paulatinamente passaram a influenciar as pessoas. A obsessão em salvar a alma e a preocupação com as tentações demoníacas foram cada vez mais subjetivadas, o que tornou o corpo cada vez mais desprezado. Em Coríntios, há a inscrição: “e bem quisera eu que estivésseis sem cuidado” (BÍBLIA, 1987, p. 1121). Deus não estava preocupado com seu corpo, Ele só está preocupado com sua alma, deve-se descuidar do corpo, pois o que vale é alma. O corpo logo envelhece, morre e apodrece, a alma é imortal. É isso é o que preconiza a Bíblia e foi assim que o homem cristão passou a ser influenciado. A falta de higiene foi uma característica basilar que perdurou por todo medieval. Alguns religiosos levaram essa regra tão a sério que se esquivaram ao máximo de qualquer processo de higiene ou ritual que fizesse contato com o corpo. Em muitos mosteiros e conventos foram proibidos os banhos e as trocas de roupas.

Os exemplos da falta de higiene como pré-requisito para a salvação da alma são muitos: o eremita Santo Abraão viveu 50 anos sem lavar o rosto e os pés; Silvia, virgem e mártir cristã, ficou conhecida por nunca ter se lavado, com exceção das pontas dos dedos; Santa Eufrásia se negava a lavar os pés. (LINS, 2013, p. 142)

O descuido com o corpo, na realidade, reservava questões mais obscuras. Em primeiro lugar, o ranço do cristianismo à higiene representava uma resistência à cultura pagã. Entre os gregos e os romanos a limpeza era algo primordial, devido ao calor do Mediterrâneo – as casas das famílias mais abastadas possuíam banheiras onde se podiam descansar e se refrescar. Os romanos, inclusive, eram famosos por suas casas de banho, que frequentavam quase diariamente. Ademais, a segunda, e talvez mais importante, questão de

resistência à higiene se referia ao fato de que, para os antigos, o banho estava intimamente ligado à sexualidade. Eram nos banhos públicos que os romanos realizavam suas orgias. Ao passo que os homens se ocupavam com suas atividades libidinosas nos banhos públicos, nos banhos em casa, as mulheres podiam se tocar sozinhas ou juntas com suas escravas ou amigas. Era durante a higiene que se tinha maior contato com todo o corpo, o que invariavelmente estava relacionado à masturbação e ao toque íntimo. Pode-se cogitar que a grande aversão que os primeiros cristãos construíram do contato com o próprio corpo veio da imagem de promiscuidade pagã.

Ora, como era a imagem que se tinha do feminino entre os primórdios do cristianismo? Essa questão está profundamente relacionada com a própria mitologia cristã descrita nas Escrituras. Outrora se analisou a origem do homem e da mulher sob o prisma da mitologia grega, a qual se mostrou bastante enfática em mostrar a supremacia masculina. Esse mesmo fenômeno será percebido na imagem bíblica da gênese feminina. Tanto no mito grego quanto no cristão cria-se primeiro o homem – nem mesmo a matéria-prima é trocada, ambos os mitos concordam que o homem se originou do barro. A mitologia cristã, porém, diz que, enquanto Adão dormia, Deus lhe tirou uma costela e dela fez uma mulher¹⁴. Nota-se que a simbologia da costela, enquanto objeto longo, roliço e levemente encurvado, assemelha-se ao próprio pênis, enquanto símbolo fálico de poder. É, pois, o próprio Faló de Adão que origina Eva, provando mais uma vez a superioridade do homem¹⁵.

Segundo o mito grego, a mulher é enviada pelos deuses enquanto vingança por eles terem sido beneficiados pelo poder do fogo. Neste caso, o fogo é retratado possivelmente como uma metáfora à consciência e inteligência superior dos homens em relação aos animais. O mito cristão toma um rumo semelhante: Adão e Eva são advertidos de que não poderão conhecer do fruto proibido. Mas a mulher, que desde Eva já se mostrava teimosa e curiosa, é tentada pela serpente e prova do fruto. Ela prova e dá ao marido; e, imediatamente, tomam consciência da vergonha, o que provoca a imediata ira de Deus. Há certa

relação entre o formato da serpente e a forma fálica, porém a conotação sexual é uma interpretação quase que infantil do mito. O Deus cristão, assim como os deuses pagãos, queria manter os homens na ignorância, em um estado quase que de selvageria. A descoberta do fogo, assim como do fruto, dá ao homem possibilidade de pensar sobre si mesmo, o que, em última análise, representa poder. Ademais, do ponto de vista sexista, ambos os mitos se apresentam da mesma forma: ao passo que o grego mostra a mulher como objeto de vingança da ira divina, a cristã mostra a mulher como protagonista da traição. A Bíblia, inclusive, diz claramente a sanção divina dada à mulher: “multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (BÍBLIA, 1987, p. 15).

Assim, o que deve ficar claro a respeito da sexualidade entre os gregos e romanos é a profunda desvalorização do feminino. É evidente que sempre houve casais heterossexuais apaixonados, a mitologia guarda inúmeros exemplos de envolvimento assim, talvez o mais ilustre deles seja a disputa pela mão de Helena, que desembocou na Guerra de Troia. Contudo, em quase todos os relatos, mesmo os mais apaixonados, demonstram a fragilidade e a submissão da mulher em relação ao seu marido. Mesmo nesse exemplo, Helena é tratada como um objeto a ser disputado. Assim, o pensamento misógino é influenciado pelo culto ao faló. Ele, ao contrário do que parece, não representa simplesmente desvalorização e dominação da mulher, mas de todo aspecto feminino. Seja como for, as práticas homossexuais na Antiguidade não excluem, em absoluto, a possibilidade de serem consideradas precursoras do pensamento homofóbico.

Ora, mas como uma relação homossexual pode ser considerada anti-homossexual? Por mais contraditório que possa parecer, o comportamento homossexual floresceu entre os clássicos como uma vertente do pensamento misógino. Ou seja, os antigos desprezavam tanto a figura feminina que passaram a se inclinar mais para a figura masculina. Entretanto, essa inclinação era meramente uma forma de autoafirmação. Esse patológico culto fálico em detrimento da submis-

¹⁴ “Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; e da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada” (BÍBLIA, 1987, p. 11).

¹⁵ “Simbolicamente, a costela de Adão é o equivalente do ventre mater. Se Deus é o criador de Eva, então Adão é sua mãe, ou mais exatamente o pai. A paternogênese masculina justifica a diferença qualitativa entre Adão e Eva.” (BADINTER, 1986, p. 105)

são feminina encontrou seu apogeu no medieval, quando as mulheres de fato sentiram seu lúgubre fardo.

Conclusão

Durante a Antiguidade, entre os gregos, o modelo que mais se evidenciou foi a pederastia pedagógica, que consistia, na realidade, em uma dominação intelectual na qual os mais novos se deixavam possuir pelos mais velhos, em busca de proteção e conhecimento. Por outro lado, entre os romanos a homossexualidade se expressava de forma ainda mais ofensiva. Dada a sua necessidade imperiosa de demonstração fálica, reflexo de sua prepotência, o homem romano necessitava de constantemente conquistar e demonstrar seu poder, seu poder fálico, seja com homens, seja com mulheres, seja com jovens ou crianças e até animais. Sobre a homossexualidade feminina, esta jamais foi tolerada publicamente, nem pelos gregos, nem pelos romanos.

Assim, é importante ressaltar que, ao contrário do senso comum de que o comportamento homossexual era comum na Grécia e tolerado em Roma, as dinâmicas comportamentais relativas à cultura sexual eram bastante complexas. Assim, da relação pederástica grega à libertinagem das saunas romanas, as antigas práticas homossexuais não excluem, absolutamente, a possibilidade de serem consideradas precursoras do movimento homofóbico contemporâneo. Na medida em que os clássicos desprezavam o feminino, como ficou evidente durante o desenvolvimento da pesquisa, ligavam-se mais ao masculino. Nesta lógica, o que tornava o indivíduo de fato livre e respeitável em seu grupo social era sua virilidade, assegurada pela negação do feminino.

A diferença salutar entre o comportamento sexual dos gregos e dos romanos no que se refere à negação do feminino e a demonstração fálica da masculinidade está no contexto em que ocorria a relação homossexual. Desta feita, o jovem grego, solteiro e tutor era importante e tolerado em uma conduta homossexual, visto que a passividade intelectual se confundia com a sexual, assim, a masculinidade, no intercurso da pederastia pedagógica, estava assegurada mesmo diante da relação homossexual. Por outro lado, para os romanos pouco importava a idade, o gênero ou o estrato social, era viril aquele que era o ativo, aquele que penetrava e que simbolicamente dominava seu oponente. Sendo assim, quem lhe servia à volúpia tanto fazia ser homem, mulher

ou animal; a demonstração fálica, por meio da penetração e da dominação, estaria assegurada.

Assim, seja por meio da pederastia pedagógica, seja por meio do estupro romano, o exame da historiografia, desde os mais remotos vestígios, corrobora para a conclusão de que homofobia foi um fenômeno social sempre presente na humanidade. É óbvio, contudo, que se trata de um termo moderno, porém, sob a perspectiva atual, ao analisar a história, não há como negar que a cultura antiga era homofóbica. Nas mais diversas formas, o estudo cuidadoso das dinâmicas culturais evidencia que a homossexualidade, porquanto aspecto normal da sexualidade humana, jamais foi tolerada em sua plenitude. O que leva a concluir que a homossexualidade, na ordem simbólica, em seus mais diversos aspectos, se aproxima deveras do feminino. Pois a prática homossexual se coloca como negação à heterossexualidade e a heteronormatividade. Destarte, a prática homossexual se coloca como negação à própria heterossexualidade e, consequentemente, ao ideal de masculinidade e virilidade, a resposta homofóbica se refere, pois, a uma rejeição ao próprio feminino.

Referências

- ASTRUGA, Maria del Carmo. *Dicionário dos santos*. São Paulo: Santáurio, 2011.
- BADINTER, Elizabeth. *Um é o outro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BÍBLIA. *Bíblia sagrada*. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1987.
- DICIONÁRIOS ACADÊMICOS. *Grego-português; português-grego*. Portugal: Porto, 2009.
- EISLER, Riane. *O prazer sagrado: sexo, mito e política do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. São Paulo: Graal, 1984. v. II: O uso dos prazeres.
- JAEGGER, Werner. *Paideia: A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LACHATRE, Maurice. *Os crimes dos papas*. São Paulo: Madras, 2005.
- LINS, Regina Navarro. *O livro do amor I: Pré-história à Renascença*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2013.

MONTESQUIEU. *Do espírito das leis*. São Paulo: Martin Claret, 2011.

NAPHY, William. *Born to be gay: história da homossexualidade*. Portugal: Edições 70, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo: a maldição contra o cristianismo*. São Paulo: L&MP, 2012.

SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. São Paulo: Record, 1999.

SUETÔNIO. *As vidas dos doze césores*. São Paulo: Atena, 1956.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 2001.